

TEARS!

*Às vezes, sinto que minhas palavras
caem no chão,
como chuva fraca em pedra seca,
e ninguém escuta o som.*

*sorrisos que não chegam aos olhos,
me lembram outros rostos
que um dia me deixaram frio.*

*É estranho...
como pessoas novas
trazem memórias antigas,
como se carregassem, sem saber,
as chaves de portas
que eu já havia trancado.*

*E eu sigo,
tentando não ser o recocheteio
das dores que voltam,
mesmo quando tento falar
que já não as sinto.*

Fernando Figueiredo dos Santos

FORTES?!

*Eu me odeio.
Não é figura de linguagem,
é veneno correndo nas veias, queimando a carne por dentro.
Tudo que toco apodrece.
Tudo que amo, eu destruo.
Eu corto, arranho, empurro para o abismo
e depois finjo que não sei por quê.
Minha mente não para.
É um enxame de gritos, um trovão constante,
um rosnado preso na garganta.
Raiva. Sempre raiva.
Acordo com ela, durmo com ela,
beijo a boca amarga dela como se fosse minha única companhia.
Eu sou fraca.
Eu sou covarde.
Eu me escondo atrás de fúria para não mostrar o medo.
Não tenho amor próprio, nem migalhas dele.
Só um buraco negro no peito
que engole qualquer luz que tente se aproximar.
Me afundo de propósito.
Eu me mato aos poucos.
Eu me arranco pedaço por pedaço
como se fosse um ritual para provar que mereço sofrer.
E no fim, quando só sobra silêncio
e a fumaça das pontes que queimei,
eu rio.
Não porque é engraçado.
Mas porque já não sinto mais nada.*

Nicolly Bassan Da Cunha

Caminhos de Dentro

*Há um rio dentro da gente,
que corre sem se mostrar,
leva sonhos, leva o tempo,
sem pressa de se acabar.*

*Às vezes é só silêncio,
outras, grita sem razão,
reflete o céu, quebra espelhos,
deságua no coração.*

*Segue em curva, sobe o morro,
desce a alma sem avisar,
e ensina, sem dizer nada,
que viver é se deixar levar.*

Sheron Polianne Espindola Ribas

A Verdade da Felicidade

*Não é no ouro,
nem no brilho das vitrines,
que a vida guarda seu segredo.
É no riso espontâneo,
na mão que se estende sem pedir nada,
no café quente em manhã chuvosa,
no abraço que dura mais que o relógio permite.
A felicidade não é grito,
é silêncio fértil:
uma criança correndo descalça,
uma esperança que não morre,
um recomeço escondido em cada amanhecer.
Ser feliz é saber perder sem deixar de sonhar,
é olhar para trás sem arrependimento,
e para frente sem pressa.
É descobrir que somos eternos no instante,
que cabemos no mundo
quando o mundo cabe dentro da gente.
Se a vida é breve,
se o tempo é vento,
então sejamos rio,
sejamos canto,
sejamos o gesto que ilumina.
Porque a verdade,
mais simples que qualquer poesia,
é que ser feliz
é existir em plenitude
mesmo quando o dia é comum.*

Franky da Silva Miranda

Como Lírios ao Vento

*Há um campo dentro de mim,
onde o tempo caminha descalço,
onde o amor dorme em silêncio
e a saudade sopra mansa, feito brisa.
Ali, teu nome não dói floresce,
como lírios que brotam após a chuva,
brancos, serenos, quase celestes,
tecidos de lembrança e ternura.
O céu parece mais perto ali,
as nuvens sussurram tua calma,
e o vento carrega tua voz
com o carinho que embala a alma.
Nem todo adeus é partida,
há presenças que moram no ar,
nos gestos que a vida repete,
nos sonhos que vêm nos tocar.
Entre o ontem e o que virá,
persevero como flor que espera,
porque há beleza na ausência
quando o amor nela ainda impera.
E mesmo quando o mundo pesa,
há paz nesse campo escondido,
onde a esperança é semente viva
e a lembrança, jardim protegido.*

Ezequiel Ávila Zborowski

Poeta Subversivo

Escrevo no instinto
com o cheiro de livros na mente
a casa parece uma estante
o tempo é pulsante
e o mundo finge dormir
e risco palavras como quem afia uma foice
A arte é minha única saída
não paga o pão
e sem ela estou na prisão
ela me corta por dentro
e dessas fendas lanço palavras como oxigênio
Sou poeta e basta para ser condenado
cada verso é reação em cadeia
explodindo muros da ordem e progresso
talvez queimem tudo
por envergonhar o rei que finge mandar
No rádio velho, o ritmo berra por mim
a guitarra é meu grito emprestado
a lei é covardia disfarçada
e um refrão pode ser mortal
uma metáfora pode corroer impérios
Jogo xadrez contra o destino
meu rei é frágil, minhas peças quebradas
sigo movendo como quem desafia certezas
a arte é inventar regras impossíveis
Escrever me custa caro
cada linha me arranca pedaços
sangro no papel até o branco virar cicatriz
mas o sangue é tudo que tenho
é a chama que não se apaga
Viver da arte é ser mendigo de pão e rei de nada
andar sem pátria, repouso e promessa
mas cuspir fogo contra a noite
fazer da miséria açoite
e do silêncio um grito que atravessa mentes
Sou poeta
isso é tudo
e nessa condenação encontro minha liturgia
carrego nas mãos a pólvora do verbo
e a lanço contra o coração do mundo

Fábio Júnior da Silva Santos

Luto

Quando ler meus textos,
minhas prosas, meus versos,
escutará nas entrelinhas
“eu já estive aqui”.
E quando perceber minhas rimas alternadas
lembrará do cheiro que no banheiro ficava
logo depois de um banho longo
que enchia a casa de vapor.
Verá os meus retratos felizes
recordando da minha época mais triste
no momento que desabafava sobre os problemas
que me perseguiram.
O luto é crônico, adormecido
como aquela cicatriz impossível de remover
ou aquela lembrança constrangedora
que você se recorda antes de dormir.
No instante que as lágrimas
resolvem romper nos seus olhos
o luto resolve lutar
por um pouco de atenção.
Ele também existe naquelas palavras
naquela sensação de “já estive aqui”
mas é mais escondido, secreto
como uma metáfora significativa.
É o medo, é a raiva, é a culpa
de não ter aproveitado até o último momento
e visto o que realmente importava
antes de tudo acabar.
Porque quando termina, acabou
e pode soar redundante
mas é irônico o quanto só entendemos isso
quando realmente acaba.
A verdade é que o luto
só percebe o lugar ideal para surgir
quando luta em diversas recordações
de alguém que se foi.
Ele entristece o churrasco de domingo
e as viagens em família
porque sempre há a sensação
de que faltou alguma coisa.
Sua presença se manifesta
no olhar dos que entendem sua dor
e atua como lembrete
de que você sempre será digno de pena.
Isso não conforta, não ajuda
serve como etiqueta, aviso
porque em qualquer assunto, conversa
as pessoas lembrarão da sua perda, do seu luto.

Marcelo Flores dos Santos

Já dizia Fernando Pessoa:

*"Eu, tantas vezes reles, tantas vezes,
porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes insuportavelmente parasita,
indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente
nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso,
arrogante,
Eu, que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda..."*

REFLEXOS FALHOS DE ALGUÉM QUE SONHA

*Acho que carrego rostos que não me enxergam,
Passo os dias enchendo minha cabeça com
Memórias alheias,
Sem que nem uma mão me alcance de volta.
A ansiedade me veste como armadura,
Minha respiração anda pesada, num ritmo exigência sem fim, como se cada
Passo precisasse nascer absoluto,
Como se errar fosse um crime contra mim.
Acasa onde nasci me deixou muitas
Perguntas sem respostas, mas no fim me
Agarro nas artes.
Elas me sustentam.
A dança que arranca dor do meu corpo,
O desenho que me permite criar mundos onde
Não preciso pedir licença,
A música que entra em minhas ideias que me fazem transcender.
Em espelhos vejo nascer vários de mim,
Cristais em profusão formam figuras frágeis
Que se multiplicam em reflexos falhos.
Mas no fim quantos eus cabem em mim?
Não vou saber informar. Só sei que todos eles procuram
Um lugar onde possam ser vistos.*

Lucas Santis

José.

José ,meu José

Tinha o riso fácil

E os olhos cheios de mundo

Chegava com a calma dos meus dias e partia sem dizer adeus

Ficou no tempo feito lembrança boa

Aquela que a gente sente

Mas não conta

Francine De Ávila

Perdição

*E se amar for perdição,
Então que seja em ti minha ruína,
O meu fim mais calmo,
Meu eterno naufrágio.*

Nicolly Braga de Moraes